

# HÉLIO PANDA



## BICHO DO MATO



# **Bicho Do Mato**

Hélio Panda

## **Ficha Técnica**

Copyright © 2021, by **Hélio Panda**.

Título: **Bicho Do Mato**.

Autor: **Hélio Panda**.

Gerência Editorial: **Ivaldir Siofeni**.

Projeto de Capa: **Edson Pulcro**.

Revisão Textual: **Ivaldir Siofeni**.

Projeto Gráfico: **Nildo Ferreira, Kassandrez Designer**.

1ª Edição: **Luanda, 2021**.

Todos os direitos reservados a **Hélio Panda**.

**A presente obra tem como detentor da autoria um escritor angolano. Por albergar conteúdos desenrolados em um contexto folclórico, tradicional, ou simplesmente rural, o autor recorre ao uso de termos alheios à rigidez da gramática para, então, adequar seus personagens ao real contexto em que estão inseridos. Sendo assim, encontrará palavras erradas, que foram escritas e mantidas, mas, como sinal de respeito e sincera aceitação aos vários trechos da nossa realidade.**

## **Prefácio**

Olá, caro leitor. Você conhece a sensação de repetir a apreciação de um filme ou a leitura de um livro e, ainda assim, sentir fascínio como se fosse a primeira vez? Este é o caso entre mim e esta obra. Li-a várias vezes antes de você chegar e, já que aqui está, por favor, se acomode e leia comigo. Prometo ficar quieto, ficar calado e não dar spoiler. Prometo não dizer o que acontece a seguir quando um acontecimento me empolgar, bem como não fazer drama quando uma passagem me emocionar. Prometo não contar que, nas mãos do Hélio, o folclore soa interessante até para jovens, ou mesmo que o livro carrega uma forte expressão de criatividade e angolanidade.

Bem, eu convido-o a chegar perto e ler comigo nesta vez. Poderá ler também noutras vezes, se assim quiser, mas o primordial é que prometo não dizer... que você vai se emocionar. Quer dizer: você vai se emocionar, bem como vai se entreter e surpreender. Você realmente vai...

...mas eu prometo não dizer.

Bora?

**Ivaldir De Sagitário**

Alguns na sanzala de Cambingo, andava um homem que muitos, senão todos, receavam ter por perto. Este homem era chamado de Carimbuamba, por possuir apenas a metade do corpo; ou melhor, por possuir somente o lado direito do corpo. Ninguém da Sanzala sabia por que razão tinha o corpo dividido ao meio e, por algum motivo, estúpido ou não, todos queriam saber onde foi parar o seu lado esquerdo. Desgostoso de tanto infortúnio, ele só saía de noite, porque, de dia, ninguém se atrevia a estar ao seu lado, sobretudo as crianças. Aparecer a luz do dia era suficiente para que, de imediato, todos fugissem dele e, quando se colocava frente ao espelho, acreditava ser o mais feio do mundo, ou mesmo "um monstro", como o pessoal da aldeia dizia. Quem amaria olhar para si mesmo quando um olho, uma fossa nasal, uma parte da boca, uma orelha, um braço, um trecho do tronco, um testículo e uma perna é tudo o que se tem?

Surge então que, de tanto ser ignorado, Carimbuamba passou a se isolar um pouco mais da sanzala.

— Ultimamente, os meus tubérculos estão todos a desaparecer\*! — Queixou-se o velho Zola.

— Olha, o meu aviário está sem ovos e os galos também estão a ficar poucos! — Acrescentou o cota Kuenda, em tom de exclamação.

— Deixa, meu jimanos\*. Aqui, ultimamente, está a tere\* muitos roubos. Só pode ser o monstro. — disse a dona Muxima.

— Temos que ir conversando com o papá soba, porque vivere\* assim já não está dar. Pessoa trabalha e não come do próprio trabalho? Vamos parare\* onde então, modeujo\*? — Acrescentou.

Depois das lamentações, dirigiram-se à casa do mais velho Caculo Branco, ou "Papá Soba", como era carinhosamente chamado.

— Dalicença\*! — Pedia a dona Muxima, várias vezes, e a bater palmas.

— É Quenhé\*? — Perguntou o velho Caculo Branco.

— Somos nós, Papá Soba. — Respondeu o velho Zola.

O soba saiu, foi para fora saber o que se estava a passar e, olhando para os rostos deles, previu que não era boa coisa.

— É maje\* o quê que vos traz aqui dessa veje\*? — Precipitou o soba, por serem constantes as queixas.

— Papá, o que nos traz dessa vez é que nós trabalhamos e não comemos do nosso trabalho. Há um ganga que anda a nos comer as coisas — Adiantou o Kuenda.

— E, sabendo que, para além de soba, o Papá também é andivinho\*, queremos saber quem anda a nos desgraçar a vida. Não ndá\* para vivere\* assim, Papá — Realçou o velho Zola.

— Eee, assim não dá, Papá. Tem que haver justiça\* aqui. — Disse a Muxima, aborrecida.

Após levar os minutos necessários para ouvir atentamente as queixas, o soba, finalmente, iniciou o seu pronunciamento:

— Quem maje\* é que está se comportariassim\*? — Questionou a si mesmo, confuso e céptico sobre tamanha coragem.

— Olha, meuje\* filhos, eu vou pensare\* seriamente no assunto e convocarei uma reunião. Vão e ficam como quem não sabe de nada, para o culpado não se aporceber\* e fugir. — Completou.

Com a conversa terminada, Zola, Kuenda e Muxima seguiam rumo às suas casas murmurando. Não estavam



nada satisfeitos com a decisão do mais velho Caculo Branco, porque uma atitude imediata era tudo o que queriam. Nada podiam fazer, senão engolirem as próprias salivas, pois o "Papá Soba" tem como sábio princípio não punir sem antes ter provas.

Depois de duas semanas, o mais velho Caculo Branco finalmente convocou uma reunião para as 7h, no jango da sanzala, e pediu encarecidamente que todos se fizessem presentes. Até mesmo o Carimbuamba.

Chegou o dia da reunião, uma quarta feira, e, o monstro, como era apelidado, havia chegado primeiro, vindo a seguir o Zola e a Muxima, conversando na sequência dos seus passos.

— Olha, 'tá aí mesmo o monstro. Já chegou — Disse Muxima, menosprezando.

— Yha, estou mesmo a lhe ver. — Zola correspondeu.

— Xee, esse ganga madrugou. Assim já quer fazer mal a quem? — Perguntou o Kuenda, chegando com o seu bidão de maruvo.

— Maje\* oh você! Essazoras\* mesmo é para aparecê\* bêbado? Depois é runião\* do Papá Soba. Começa inda\* ficar sério — Muxima repreendeu.

— Esse corpo já não é meu. Já ando mbora\* maluco com o que anda acontecer. Me deixa só. O objectivo é descobrir quem anda a nos roubar. — Defendeu-se, o Kuenda.

Com os passados trinta minutos, estavam todos no jango, aguardando pelo soba, murmurando e olhando Carimbuamba com desdém.

Finalmente, o soba chegou. Todos puseram-se em pé, como sinal de respeito, e até mesmo o monstro, coitado, que nem tinha onde se apoiar. O soba logo permitiu que todos se sentassem e agradeceu, não só pela presença de todos, mas pela reverência também.

— Vamos começare\* a nossa reunião. — Disse o soba.

— Todos os presente\* sabem que o que nos traje\* aqui é que o povo tem reclamado que as nossas coisas anda\* desaparecere\*. Então, ainda hoje temos que findare\* essa situação. — Realçou.

— Papá, não vai muito longe. Nós mbora\* já sabemos quem é o gatuno. Quem anda a nos desgraçar é o ganga do Carimbuamba! — Disse o Kuenda, descarregando sua aversão pelo coitado.

— Só pode ser ele. Ele até só sai já de noite — Acrescentou o Zola.

— Eu já sei que vocês não me gostam, maje\* eu não roubo nada de ninguém. Eu trabalho os meus mantimentos. — Disse o Carimbuamba, triste por tamanha rejeição.

— Se você não é o gatuno, então é quem? Para só de se mentir de chorar! Todos sabemos que és o gatuno, seu ganga de merda! — Disse a Muxima, enfurecida.

O clima de tensão tomou conta do recinto, produzindo assim uma algazarra que apenas as crianças na escola conseguem fazer.

— Silêncio! Silêncio! — Pediu o soba, impaciente.

— Estamos aqui para a solução do problema! Se ele diz que não é o ngatuno\*, porquê que insistem em culpar\* rapaz? Têm\* provas de que ele é o ganga?

— Não temos, Papá, mas só pode ser ele. Quem mais seria, se ele é o único que fica a vaguear pela sanzala quando todos estão a dormir?! — Questionou o Kuenda.

— Até porque, se consegue negar que é ele, pelo menos podia nos dizê\* quem é, porque é mesmo o único que

anda de noite. — Rematou Muxima, ganhando a concordância de todos pela lógica que apresentou.

O mais velho Caculo Branco ficou perplexo e sem nada a dizer. Ele não quis tomar uma decisão precipitada e ter que se arrepender depois.

— Está bem. Vão para as vossas casas e vortem\* aqui amanhã. Tenho que pensare\* mais uma veje\* sobre isso. — Disse o Papá Soba, deixando, mais uma vez, o pessoal insatisfeito e a murmurar.

A noite passou e veio a matina em sua sequência. O céu privava as radiações do sol com suas nuvens densas, dando de presente um dia nublado com pequenas gotas de sereno sobre as terras de Cambingo.

E lá estava o pessoal, reunido no Jango, todos inquietos pela ávida vontade de ouvir o que o Papá Soba tinha para anunciar como solução do caso.

— Bom... como sabem, ontem ouvimos todas as partes e, de tanto pensare\*, cheguei a uma conclusão. — Tão logo disse, todos fizeram -1% de silêncio e mantiveram seus olhos abertos duas vezes mais.

— O Carimbuamba terá nde\* ficare\* alguns dias fora da sanzala para vermos como serão os ndias\* sem ele aqui.

— Por mim, ele pode ir e nunca mais vortá\*. só nos desgraça a vida. — Disse a Muxima.

— Eu concordo com a Muxima, Papá. Pode mbora\* lhe correr daqui, da aldeia. — Disse o Kuenda.

A decisão foi então tomada e Carimbuamba teve que sair da sanzala por alguns dias, ficando ainda em Cambingo, só que nas densidades das matas.

Desgostoso e frustrado, a única coisa que passava pela cabeça de Carimbuamba era vingar-se de todos os que o acusaram, mas preferiu ser firme no princípio de que o mal não se pagava com o mal. Então, dias foram passando, semanas... idem, e o soba não chamava por ele.

Num dado dia, em um momento qualquer...

— Eu não vos disse que era mesmo ele? Nuh\* tá\* aí os roubos pararam desde que ele foi? — Perguntou a Muxima, a meio de qualquer conversa.

— Eu sempre te acreditei, mboa\*. Sempre soube que aquele era o ganga da banda. — Realçou o Kuenda.

Passaram-se meses, e a aldeia continuava normal. Então, vendo o soba que os roubos pararam, decidiu chamar todos da aldeia para uma outra reunião. Uma vez que nada de estranho acontecia pela aldeia, todos ficaram espantados com a chamada e, justamente por isso,

decidiram comparecer, para saber que "boa causa" justificaria a atitude do mais velho.

— Boa tarde, aldeia! Estão todos presente\*? — Perguntou o Papá Soba.

— Estamos, menos o gatuno. — Disse a Muxima, em forma de gozo.

— Gostaríamos de saber o porquê da reunião, Papá Soba. Aconteceu alguma coisa de preocupante? — Questionou o Zola.

— Eu chamei você\* para conversare\* sobre o Carimbuamba. Já faje\* muitos dias que ele está nas matas sozinhos.

— Ele é ganga, ele é gatuno, e, desde que foi, nós estamos bem. Ele pode ficar aí nas matas para nunca mais vortá\*. — Rebateu a Muxima, indisposta a compactuar.

— Eeee, pucadiqueié\* isso?! Esse coração de pedra é porquê, Muxima? — Perguntou a velha Kutanga.

— Muxima, se lembre-se\* dos ensinamentos do filho de Deujo\*: perdoar 70x7 ou maje\*. Todos merecem uma segunda oportunidade. — Acrescentou.

— Awaa\*! Gatuno não muda. Se lhe perdoar, ele vai continuar a roubar. — Disse a comadre da Muxima.

— Olheee\*, bruxa! São memo\* vocês. A Muxima quando le\* apanharam a trair o mano Zembu nós não lhe perdoámos? Memo\* você, quando te apanharam a pinar as ngarinhas\* e os ovos, não te perdoámos? — Perguntou a velha Kutanga.

As palavras proferidas pela anciã caíram como balde de água fria sobre a Muxima e a sua comadre.

— Já chega! Parem já com essa confusão! — Disse o Papá Soba, impaciente.

— Todos vocêje\* já falaram e eu já escutei. Agora falo eu, e concordo com a mana Kutanga. Os nossos ancestrais nos ensinaram sempre a apreduar\*. Sendo assim, o Carimbuamba vai vortá\* para a aldeia. — Determinou.

— Mas... — Tentou o Kuenda.

— Maje\* nada! Zola e Kuenda, amanhã vão à mata e dizem ao vosso mano que já pode vortá\*.

— Epah\*, não é nosso mano, mas será feita a sua vontade, Papá. — Consentiram.

Na manhã seguinte, como era habitual irem à caça, os compadres meteram o pé na estrada em plenas quatro horas da manhã. Então, por volta das 13 horas, com o sol

escaldante, decidiram dar uma pausa para beber e comer. Eis que, sentados sob a sombra de uma mulembeira, degustavam mandioca com café, mas, apesar de repletos, o descontentamento era visível nos seus rostos trancados.

— Mano, hoje mbora\* não estou bem para caçar. Vamos só já cumprir a missão que o Papá nos deu. — Iniciou o Kuenda.

— Oh mano, nós então só pegamos dois veados... mas, tipo\* tens razão. Não sei se o Papá pensou o quê para tomare\* a decisão que tomou, mas, epah\*, acaba só já então de comere\* e vamos no patinho feio. — Disse o Zola, em forma de gozo.

— Vamos só. Andando também consigo comer. — Disse o Kuenda, com a boca cheia.

— Mano, já que ninguém lhe quere\* na aldeia, nós podemos lhe mandare\* para a ilha dos pés juntos aqui mesmo na mata, e ninguém vai saber. — Sugeriu o Zola.

— Xee, não fica maluco! Seremos os primeiros suspeitos porque foi a missão que o papá nos deu ontem, no meio de toda a aldeia. — Receou o Kuenda.

— Compadre, sempre esperto. Mas, na primeira oportunidade, lhe mando memo\* para a ilha dos pés juntos. — Disse o Zola, desimportado.



— Hahaha, vamos só, macaco. — Finalizou o Kuenda.

Depois de alguns quilómetros andando, chegaram, finalmente, onde estava o Carimbuamba.

— O que vos traje\* aqui? Querem quê comigo\*?  
— Perguntou Carimbuamba.

— Não pergunta\* muito. Pega as tuas tralhas e vamos vortá\* na aldeia! — Disse o Zola, destratando, e Carimbuamba obedeceu.

Faltando pouco para o sol se pôr por inteiro, os compadres e o homem metade chegaram à aldeia e, vendo o Carimbuamba, as crianças fugiram e o bairro começou a ficar agitado. De imediato, Carimbuamba dirigiu-se à casa do mais velho Caculo Branco, agradeceu pelo fim do isolamento e, em seguida, trancou-se em seu casebre, como era de costume.

No entanto, tal como se previa, passou um pouco menos de uma semana e os roubos voltaram, só que numa frequência maior. Tanto que, além dos famosos furtos, já se verificava a morte de alguns animais da sanzala. Então, o povo, desgostoso e enfurecido com o rumo que as coisas estavam a tomar, invadiu a casa do mais velho Caculo Branco, porque a sua bondade e sabedoria não estavam a ajudar em nada.

— Tazavê\* o que está a acontecer?! Nós que tínhamos todas as refeições, agora só temos uma. Isso tá\* memo bom?! — Confrontou Muxima, saturada.

— Queremos a morte desse mabeco! — Disse o Kuenda.

— Afinali\* a Muxima tinha lazão\*. A solução dos nossos probulemas\* é a morte desse mabeco sim senhora — Disse a velha Kutanga.

— Epah\*, se é a única solução, já não se meto lá. Decidam entre vós. — Ordenou o soba, limpando as mãos.

Na manhã de sábado, dia sagrado, trancaram as crianças em casa para que não testemunhassem o acto bárbaro que estava prestes a ser realizado. Foram buscar o pobre homem em seu casebre e o amarraram num cajueiro. Enquanto o homem chorava e suplicava para não morrer, Zola carregou a arma e estava prestes a disparar, quando foi impedido pela velha Kutanga.

— Vê só! Tás\* a fazer o quê? Queres ir você na ilha dos pés juntos? — Disse o Zola, chateado com a interrupção.

— Vô\* te fitiçar\*, cabrão! — Repreendeu a velha Kutanga.

— Hahaha, se não conseguiste o ganga, vais me conseguir? Eu?! — Indagou o Zola.

— Não le\* mata a tiro. Vamos le\* castingare\* porque ele també\* nos feje\* isso. — Sugeriu a velha.

— Agora tens razão. A tiro, ele não vai sentire\* a dor que sentimos. Ficaste esperta! — Disse Zola, finalizando em forma de gozo.

Surge então que puseram gasolina no pobre homem, acenderam o fósforo e o deixaram mesmo aí a arder. Voltaram para as suas casas como se nada tivesse acontecido e retomaram as suas atividades normais.

Para o espanto do povo, na mesma semana, foram registrados mais dois roubos, o que não era possível de se crer, pois Carimbuamba já estava morto. Teria Carimbuamba ter voltado das cinzas para se vingar? Estariam mais pessoas envolvidas nos roubos? Teriam matado a pessoa errada? São essas, as perguntas que já assolavam o povo.

— Acho que vamos falar com o Papá Soba para ver se adivinha de uma vez por todas quem anda a nos fatigar. — Sugeriu o Kuenda, durante a fofoca.

— Awaa\*, melhore\* não. Aquele mais velho já anda cansado. Até para estare\* em pé pede ajuda na bengala. — Disse a Muxima. — Já que vocês são os melhores caçadores da aldeia, porquê que não montam uma

amardilha\*? Assim agarramos de uma vez esse gatuno. — Realçou.

— Xee, boa ideia! Mas, temos que dare\* a conhecer ao Papá Soba, para não ficare\* chateado e nos praguejá\*. — Disse o Zola.

De imediato, foram dar a conhecer ao mais velho Caculo Branco, e o mesmo concordou. Orientou que montassem a armadilha o mais rápido possível e alertou que ficassem todos dentro de casa tão logo a rádio anunciasse 20 horas porque estariam a montar as armadilhas em toda a sanzala.

Para a surpresa de todos, os roubos aconteceram de novo e as armadilhas não capturaram ninguém. Então, os compadres Zola e Kuenda conversaram e decidiram aplicar uma armadilha fatal, e arriscaram fazê-lo sem o consentimento do soba, pois este, repleto de bondade e valor pela vida alheia, não concordaria. Eles esperaram que fossem todos dormir e, então, fizeram a troca da armadilha, sem sequer avisarem a mais alguém, e foram dormir.

Em plena madrugada, dessa vez, ouvia-se estrondos e gemidos. Porém, por cautela, ninguém se arriscou a sair de imediato para ver o que se estava a passar. Então, deixou-se a madrugada clarear um pouco mais.

Não foi preciso o cacarejar do galo para que o povo despertasse. Estavam todos de pé, reunidos e curiosos. Viram rastos de sangue, que davam expectativas para lobos, raposas e javalis. Foi então que decidiram seguir os rastos de sangue e, depois de andarem cerca de 30 quilómetros,

encontram o mais velho Caculo Branco deitado, morto, ensanguentado, com duas galinhas e um saco cheio de ovos nas mãos.

## #PayIfYouLike

Produzir certo tipo de arte possui custos, mas não é por isso que a arte deve morrer. Artistas esvaziam os seus bolsos e muitas vezes aturam rodeios para concluírem a produção dos seus quadros, das suas bandas desenhadas, das suas EPs e Mixtapes, dos seus eBooks e muitas outras formas de trabalho. Do mesmo modo, consumidores muitas vezes esvaziam os seus bolsos sem saberem se dada obra artística é digna de ser comprada ou não.

Como apoio à toda a arte disponibilizada gratuitamente, a "**Pay If You Like**", traduzida como "**Pague, Se Gostar**", surge como um meio termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho de baixa qualidade, como também não pode deixar de apoiar os artistas do seu país que se dedicam a tornar a arte de dentro tão essencial quanto a de fora. Não há preço, nem exigências. Você só precisa de parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem tão bons também nos próximos trabalhos. Pague apenas o que estiver ao seu alcance. Nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco e, na ausência de apoio financeiro, você pode simplesmente ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então possibilitar nem que for um pequeno espaço na rádio e na TV.

Em terra de pessoas suficientemente honestas, a arte pode ser rentável sem privarmos os produtos. Arte já temos, só falta mesmo a colaboração. Portanto, pague pelo que gosta. Não deixe a arte bem-intencionada morrer!